

**Memórias de outros tempos: narrativas de professores(as) e sua atuação profissional nos anos
1970**

Jaqueline A. M Zarbato Schmitt, UNISUL-USJ
jaquezar@yahoo.com.br

Este texto visa apresentar as reflexões sobre as experiências e memórias de professores/as que trabalharam no período da Ditadura Militar, em Santa Catarina. O objetivo é suscitar as vivências, a postura docentes frente ao contexto histórico, entender de que maneira procediam em lugares chamados “zonas de segurança”, as dificuldades em trabalhar com o currículo escolar, com determinados conteúdos didáticos, disciplinas, materiais didáticos, enfim, salientar as memórias desses homens e mulheres e suas histórias. São diferentes experiências partilhadas, que, como mosaicos, por meio da análise histórica, aos poucos caracterizam o ensino no Estado de Santa Catarina.

O uso da memória, como objeto de estudo intenta análises das reminiscências, capaz de mostrar conflitos e tensões. Nesse sentido, ao lembrar o cotidiano da educação no período da Ditadura, há algumas narrativas que detalham as dificuldades, as formas de lidar com algumas situações que muitas vezes, delineavam-se para além das dificuldades.

De acordo com Selva Fonseca burlar foi muitas vezes a solução para preservar o espaço reflexivo do ensino, “...formas de resistência e de adaptação às mudanças na estrutura e no funcionamento do ensino brasileiro.”¹

Deste modo, é necessário analisar “as ‘formas de resistência’²”, como as conversas informais sobre o contexto nacional, as escolhas de alguns textos, o cuidado em ministrar a Disciplina de Educação Moral e Cívica, as dificuldades em ser professor/a na época, as histórias que marcaram suas trajetórias. Enfim, formas que buscavam dimensionar as resistências de alguns professores, que buscavam burlar as regras que visavam calar.

Isso porque, as experiências subjetivas de professores/as se refletem na postura que adotam no espaço escolar. Como salienta Facci³ “estudamos a questão profissional, mas esquecemos de que o/a professor/a tem toda uma trajetória de vida, que influencia notavelmente a sua atuação prática, em outros momentos, estuda-se o/a professor/a como pessoa, mas esquece-se de contextualizar sua profissão”.

¹ FONSECA, Selva Guimarães. **Ser Professor no Brasil** - História Oral de Vida. São Paulo: Papirus, 1997. p. 196

² KHOURY, Yara Maria Aun. “Narrativas orais na investigação da História Social.” In: **Revista Projeto História**. São Paulo (22) jun. 2001.p. 18

³ FACCI, Marilda G. D. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?** SP, autores associados. 2004. p. 22

Nas narrativas de professores\as ficam registradas a junção dos saberes oriundos da formação universitária e da prática da sala de aula, não que uma seja mais importante que a outra, mas há um cruzamento entre os saberes, que de certa forma, apresentam-se como processos que visam modificar os caminhos do ensino. A relação que estabelecem com os saberes da formação profissional e pessoal se manifestam na postura diante do processo de ensino aprendizagem e no cotidiano, uma vez que, “os saberes apontados pelos professores são chamados por eles de práticas ou experimentais. É a partir dos saberes adquiridos que julgam sua formação”⁴

No exercício da função de professor\a, os saberes que se acumulam ao longo de sua formação se apresentam através da prática educativa.

Maurice Tardiff⁵ destaca que “o aprofundamento das discussões fomentam novos olhares sobre a formação, defendendo que a reflexão sobre o fazer histórico pedagógico, a qualidade do ensino pressupõe uma análise sobre o fazer dos professores, vistos como mola propulsoras no processo de ensino”.

O fazer de professores\as não é um tema estanque, a cada período histórico suas histórias e memórias aglutinam elementos que compõem suas trajetórias. São tempos diferenciados com diferentes saberes adquiridos e que refletem a formação de professor\as.

A experiência provoca, assim, um efeito de retomada crítica dos saberes adquiridos antes ou fora da prática profissional. “Ela filtra e seleciona os outros saberes, permitindo assim aos professores reverem seus saberes, julgá-los e avaliá-los e, portanto, objetivar um saber formado de todos os saberes retraduzidos e submetidos ao processo de validação constituído pela prática cotidiana.”⁶

Nesse processo de compreensão das memórias e histórias de professores\as, surgem questionamentos sobre o cotidiano e suas formas de lidar com determinadas situações. Por exemplo, quais as “táticas” que se sobressaíam em um universo de formação de professores em meio a ditadura militar? Como trabalhar com o currículo adotado na época? Que formas encontravam de “burlar” o controle? Quais os momentos mais marcantes de sua trajetória profissional? Que histórias e memórias guardam do período da Ditadura?

Essas e muitas outras questões pontuam a vivência de homens e mulheres que, apesar de suas concepções, ideais tiveram suas “falas abafadas” pelo sistema. Não se trata exatamente de identificar uma resistência aberta, mas de modo especial articular e demonstrar as dimensões de um

⁴ TARDIFF, Maurice. **Saberes docentes & formação profissional**. RJ, vozes. 2002, p. 50

⁵ Idem, p. 51.

⁶ Idem, p. 54.

fazer diferente no contexto de repressão, sem esquecer o caráter da repressão e opressão vivido por muitos.

Cabe destacar que as experiências de resistências, embates, muitas vezes “silenciosos” diante da realidade, mobilizações, posicionamento político assumido por professores\as deixaram suas marcas na formação de muitos alunos. Além disso, alguns atribuem a este período, a demarcação de concepções, como a formação de uma identidade de professor.

Numa das narrativas, fica evidente a construção do ser professor com as questões vivenciadas no período. O professor Manoel, ministrou a disciplina de Educação Moral e Cívica. Ele lembra que, “*era uma disciplina nova na época, tinha que seguir o livro, não podia sair disso. Opinião de professor, de aluno, nem pensar. Era ler o texto e reproduzir*”⁷.

A disciplina de Educação Moral e Cívica foi implementada durante a ditadura militar, a partir de algumas reformulações e a reestruturação que houve no setor educacional. A educação passou a refletir os aspectos antidemocráticos existentes no período, principalmente com a lei 5692/71, responsável pela reforma do 1º e 2º graus.

Pode-se dizer que as mudanças perpassavam desde a construção curricular até o cotidiano educacional. No currículo, percebe-se que o poder está inscrito, reafirmando os modelos, os comportamentos, padronizando as relações sociais, estabelecendo a reprodução do poder dominante. Utilizando uma análise crítica, nota-se que o currículo escolar pode ser analisado como produtor de identidades, em que as categorias, as concepções de grupos sociais são representadas conforme se estabelecem as relações de poder. Desta forma, o conhecimento inscrito no currículo não pode ser separado de regras de regulação, uma vez que ele está imerso na gênese da função da escola, onde poder e saber estão imbricados.

Michel Foucault⁸ argumenta que o poder se inscreve para além dos discursos, ele também se fundamenta nas relações de saber. O que caracteriza as formas de governo, no sentido de regulação e controle, é a sua dependência de formas de conhecimento sobre a população a ser governada. Nesse sentido, o currículo escolar é também uma relação social, no sentido de que a produção de conhecimento envolvida no currículo se realiza através das relações entre as pessoas.

Em relação as questões de poder circunscritas no período da Ditadura, Helena, uma professora que trabalhava em Santa Catarina, com formação normalista, destacou em sua narrativa os momentos em que pensou em desistir da profissão. Segundo ela:

Ser professora naquela época era um desafio muito grande. Eu tinha formação de normalista, já vinha com muitas regras na forma de ensinar, mas aquilo era

⁷ Entrevista do professor Manoel Silva concedida a professora Jaqueline Schmitt em janeiro de 2009.

⁸ FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Brasiliense, 1993.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

demais. Muitas coisas que pensava tinha que tomar cuidado pra não falar, porque parecia que sempre tinha alguém me olhando, aquilo era muito cansativo. As vezes, eu pensava em sair, mas depois desistia, porque senão quem iria dar aula. A minha turma era mista, daí a responsabilidade maior, né.⁹

Na construção do currículo escolar, uma das finalidades é formar sujeitos, mas durante a Ditadura Militar, com as modificações nas Leis de Diretrizes e Bases, a “formatação” foi inserida no currículo escolar. E refletir sobre as diferenças, adotar posturas contrárias ao regime militar, era uma tarefa que muitos/as professores/as evitavam.

Censurar, reprimir, manter a ordem são algumas palavras lembradas por professores/as em suas memórias. Essas palavras de certa maneira, ajudam a construir a análise de um tempo histórico, que suscita lembranças, que se configuram como reflexo de outros tempos do ensino, do fazer, do ser professor/a.

Em suma, apresentar as memórias desses sujeitos permite compreender não só os caminhos trilhados por eles, mas também a construção de outras formas de ensinar e apreender, de currículo, de Educação.

⁹ Entrevista de Helena Martins concedida a professora Jaqueline Zarbato Schmitt em janeiro de 2009.